



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, no encerramento do Fórum Empresarial Brasil-África do Sul

Johannesburgo-África do Sul, 09 de julho de 2010

Bem, eu vou falar do púlpito, mas, antes de falar, eu queria entregar ao presidente Zuma e ao Ministro que cuida da Indústria e do Comércio da África do Sul dois livros que ensinam como exportar para o Brasil. Normalmente, a gente dá livro... Normalmente, nós entregamos livros ensinando como importar do Brasil, e nós estamos dando, agora, como facilitar a vida de vocês para exportar para o Brasil. Afinal de contas, vencer a burocracia brasileira não é nada fácil.

Bem, eu quero, primeiro, cumprimentar o meu companheiro e amigo, presidente da República da África do Sul, o companheiro Zuma, e dizer para ele da alegria de, mais uma vez, estar aqui na África do Sul e mais uma vez poder gozar da sua companhia,

Quero cumprimentar Rob Davies, ministro do Comércio,

Quero cumprimentar o embaixador do Brasil na África do Sul, José Vicente de Sá Pimentel,

Quero cumprimentar o companheiro Ivan Ramalho, secretário-executivo do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio,

Quero cumprimentar o companheiro Orlando, ministro do Esporte,

Quero cumprimentar o Luiz Barretto, ministro do Turismo,

Quero cumprimentar o companheiro Rogério, ministro interino dos Direitos Humanos,

Quero cumprimentar os empresários africanos, as empresárias, os empresários brasileiros, mesmo sabendo que nós estamos em minoria aqui, hoje.



Bem, eu já tive oportunidade de falar com o presidente Zuma, pela manhã; já tive oportunidade de falar para a imprensa africana e para a imprensa brasileira e, certamente, quem estava presente lá no Palácio vai perceber que eu vou repetir algumas coisas que eu já falei hoje, pela manhã.

Em primeiro lugar, o orgulho de ser o Presidente da República do Brasil que mais visitou o continente africano. Hoje eu completo a África do Sul já três vezes, mas eu já visitei 27 países africanos em oito meses [anos]. Não sei quantos presidentes do mundo visitaram 27 países africanos em oito anos, e eu ainda tenho um país para visitar, que é Moçambique, para inaugurar uma fábrica de remédio que estamos fazendo lá, produzindo antirretrovirais para combater HIV-Aids.

Mas eu assumi um compromisso com o presidente Zuma. Primeiro, nós precisamos fazer pelo menos duas grandes reuniões entre empresários da África do Sul e empresários brasileiros. A gente poderá fazer uma primeira em São Paulo, organizada pelo Ministro da Indústria e Comércio do Brasil e pelo Ministério das Relações Exteriores, que a gente possa ter uns 300 ou 200 empresários da África do Sul, que a gente possa ter uns 300 ou mais empresários brasileiros, para que a gente possa discutir oportunidades de negócios, oportunidades de parcerias e oportunidades de complementaridade entre as empresas da África do Sul e as empresas brasileiras.

E a segunda coisa que eu disse ao presidente Zuma é que eu tenho apenas cinco meses... Uma aguinha, Prata, se for possível. Eu assumi o compromisso com o presidente Zuma de que é uma vergonha um país com 190 milhões de habitantes, como o Brasil, não ter empresas de aviação comprometidas em fazer voos para a África do Sul e para outros países da África e que, portanto, assumi o compromisso com ele de transformar numa questão de honra, nesses últimos seis meses que eu tenho de mandato, para que a gente possa resolver esse problema crônico. Porque se nós não garantirmos aos políticos e aos homens de negócio o direito de ir e vir, o direito



de conhecer coisas novas, não acontece nenhuma novidade no nosso país.

Vejam que absurdo: se eu quisesse sair agora de Johannesburgo e ir a Londres, quantas horas eu demoraria de avião? Dez horas? Onze horas? Oito horas? Olhem, daqui para São Paulo serão apenas nove horas ou dez horas. Mas não é apenas da África do Sul, é de outros países africanos que fazem fronteira com o Brasil via Atlântico. De Cabo Verde, por exemplo, até Fortaleza, são três horas e meia de voo. E quem tem avião para o Brasil não é uma empresa brasileira, é uma empresa de um país pequeno como Cabo Verde.

Ora, por que isso aconteceu? Isso aconteceu porque, historicamente, nós tivemos uma elite subserviente, que achava que só deveríamos fazer negócios com a Europa rica ou com os Estados Unidos, e fomos esquecendo a América Latina, a América do Sul e o continente africano. Ora, o que nós precisamos, presidente Zuma, é fazer uma nova discussão sobre a relação Sul-Sul, sobre o desenvolvimento africano e sobre o desenvolvimento latino-americano, para que a gente possa ter noção do que está nos esperando.

Todos nós sabemos e todos queremos exportar para os Estados Unidos, para o Japão, para a China, para a Alemanha, para a França. Mas todos nós sabemos, também, que existe um limite, porque todo o mundo quer vender para eles, e que a balança comercial dos nossos países com esses países ricos não é tão grande como uma pessoa leiga pode imaginar. Nós temos balança comercial com países europeus que chega a 6 bilhões, a 7 bilhões, a 8 bilhões; e temos, com a Argentina, 30 bilhões; temos, com a China, 40 bilhões; temos, com a Venezuela, 6 ou 7 bilhões. Por quê? Porque nós começamos a descobrir as necessidades de cada país e as similaridades existentes em cada país.

Certamente, a África do Sul produz coisas importantes que outros países ricos já produzem mais importantes, mas possivelmente o Brasil não produza, possivelmente outro país da África não produza, possivelmente outro país da América do Sul não produza, e, portanto, a África do Sul terá muito mais



oportunidade de vender o seu produto nesses países do que vender aos países ricos, que só querem vender para nós produtos de alto valor agregado e comprar de nós *commodities* em forma de matéria-prima.

Essa crise econômica, que é a primeira crise acontecida no coração dos países ricos, precisa nos motivar a pensar um pouco diferente do que nós pensávamos no século XX. Certamente, durante uma boa parte do século XX, alguém dizia para os empresários da África do Sul: “Cuidado com os empresários brasileiros, cuidado. Não é importante fazer negócio com empresários brasileiros”. Mas o mesmo que diziam aqui, meu caro amigo Zuma, diziam na Venezuela, diziam na Colômbia, diziam no Equador: “Olha, cuidado com os empresários brasileiros. O Brasil é um país grande e ele pode sufocar vocês”.

Agora, como é que pode um empresário de qualquer país do mundo ter medo do empresário brasileiro e não ter medo do empresário americano, do empresário alemão, do empresário chinês ou do empresário que tem muito mais poder do que nós?

Durante muito tempo nós acreditamos nisso, e, durante muito tempo, o Brasil olhava para o mundo sem enxergar a África. Aliás, o Brasil olhava para o mundo sem enxergar os países da América do Sul que fazem fronteira com o Brasil. Apenas dois países não fazem fronteira com o Brasil: o Equador e o Chile. O Brasil tem 17 mil quilômetros, quase, de fronteira seca, e a nossa relação com esses países era quase nenhuma, tudo vinha de outros países. Como é que pode, em um país vizinho do Brasil, ter um carro japonês fabricado no Japão e não ter um carro onde metade das peças pudessem ser produzidas na Argentina, metade no Uruguai, metade no Paraguai, metade no Brasil? É porque os nossos dirigentes e a elite brasileira que governou o país durante muito tempo mantiveram a cabeça colonizada mesmo depois de 200 anos de independência, mesmo depois de 200 anos de independência.

Bem, o que nós precisamos fazer? Depois da crise econômica, primeiro



o *subprime* e, depois, a crise que até agora a gente não sabe a quantidade de dinheiro podre que existe nos bancos europeus, até agora a gente não sabe se já foi resolvida a quantidade de dinheiro podre nos bancos americanos... Porque, quando a crise era no Brasil, quando a crise era no México, quando a crise era na Bolívia, o FMI e o Banco Mundial, a cada três meses tinha uma delegação dizendo o que fazer. Agora que a crise é nos países ricos, nem o FMI e nem o Banco Mundial sabem o que fazer. Por quê? Porque não é dado a eles o direito de fazer críticas que faziam a nós.

Nessa crise agora, na Alemanha, em que um país pequeno como a Grécia quase cria uma crise profunda, é que não tem explicação. Por que não houve uma intervenção imediata para acabar com a crise da Grécia? É porque, para fazer política, precisa saber tomar decisão. E saber tomar decisão, a gente não pode ficar olhando o problema das nossas eleições internas.

Se a gente, enquanto dirigente político, exercendo um mandato, por causa de um problema de eleição interna nossa, a gente não tiver maturidade política, a gente percebe que uma crise pequena, que poderia ter sido resolvida na Grécia com facilidade, ganhou proporções muito grandes e quase leva a França, Portugal e Itália de roldão, apenas por falta de decisão, porque quem tinha que tomar decisão estava preocupado se iria eleger senador ou não, estava preocupado se iria eleger deputado ou não, e aí as crises vão se avolumando.

Ora, imaginem vocês e caro amigo Zuma, se o presidente Bush, em junho de 2008, se o presidente Bush, em julho ou junho de 2008, tivesse colocado US\$ 60 bilhões no Lehman Brothers, o Lehman Brothers não tinha quebrado e eles não tinham que colocar quase que US\$ 1 trilhão depois.

Ora, nós, agora, estamos percebendo, Zuma, que a África do Sul tem muito para oferecer para o Brasil e que o Brasil tem muito para oferecer para a África do Sul. O que nós precisamos é conhecer o potencial de cada um dos nossos países, o que nós poderemos fazer juntos, o que nós poderemos



produzir em parceria. Nós poderemos produzir helicóptero em parceria, nós poderemos produzir avião de carga em parceria, nós poderemos construir parceria na agricultura – o Brasil tem uma sofisticada agricultura de empresa de tecnologia, na área da agricultura tropical.

Eu estou convencido de que todos nós, que estamos aqui – e eu que já tenho 64 anos de idade – vamos ver, nos próximos 15 anos, uma revolução na agricultura africana, sobretudo na savana africana, que parece muito com o cerrado brasileiro, que é hoje o lugar que mais produz grãos por hectare do mundo.

Ora, na hora em que o mundo rico precisar colocar 10% de etanol na sua gasolina, onde que eles vão plantar? Eles vão continuar fazendo o etanol de beterraba? Vão fazer de milho? Ou será que eles não percebem que a cana-de-açúcar produz três vezes mais e é três vezes mais barata, que pode gerar muito mais emprego, e que os países ricos, do mesmo jeito que comprem petróleo da Arábia Saudita, poderiam comprar biocombustíveis dos países africanos?

Então, este século XXI, nós temos que aproveitar para comprar as brigas que nós não fizemos no século XX, a boa briga. Não é aquela briga raivosa, é aquela briga de companheiro, de fazer os países ricos entenderem que nós não queremos viver de favores, que nós queremos apenas competir, que nós queremos concluir o acordo da Rodada de Doha, que não foi concluído por conta das eleições americanas e das eleições na Índia e está parado a dois anos. E o que é que a gente queria? Um acordo para que o comércio fosse realmente livre e para que os países pobres pudessem fazer os seus produtos chegarem no mercado dos países ricos. Por que isso não aconteceu, se nós estávamos tão perto? Faltou um milímetro, acho que menos de um milímetro, para a gente fazer o acordo na Rodada de Doha, e nós estamos parados a dois anos.

Nós estamos, companheiro Zuma, participando do G-20 e até agora nós



não conseguimos mudar a representação no FMI, até agora nós não conseguimos mudar a representação, ou melhor, o controle do sistema financeiro, pelo menos cuidar da alavancagem, para não permitir que um banco possa sobreviver fora do sistema produtivo de um país. É para isso que o banco precisa existir, para emprestar dinheiro para a produção e não para ganhar dinheiro vendendo papel atrás de papel, sem produzir um sapato, uma meia, um celular ou um microfone.

Nós ainda não conseguimos acabar com os paraísos fiscais, e foi motivo da nossa primeira reunião, da nossa primeira discussão. O que me preocupa? É que se as coisas não acontecerem, o mundo vai voltando à normalidade e fica tudo do jeito que está, até vir outra crise mais grave, e quem paga o preço são sempre os países mais pobres.

Então, meus companheiros empresários da África do Sul, meus companheiros brasileiros, nós temos um potencial extraordinário. Eu acho que a África é mostrada ao mundo sempre pelo que ela tem de pior e nunca pelo que ela pode ter de melhor. Quando querem mostrar alguma coisa boa na África, mostram um leão correndo, mostram uma girafa, mostram um rinoceronte. Quando querem mostrar o povo, mostram a favela; quando deveriam mostrar a favela... ninguém quer esconder a favela, mas vamos mostrar as outras coisas que tem, vamos mostrar o potencial de desenvolvimento.

A Copa do Mundo foi a demonstração maior que a África precisava para mostrar que pode fazer uma Copa do Mundo, porque havia muita desconfiança, havia: “Será? Será que acabou o *apartheid* mesmo na África? Será que a África tem condições de ter ruas para os carros transitarem? Será que eles vão conseguir fazer aeroportos? Será que vão conseguir fazer ferrovias? Será que vai ter segurança, as pessoas não vão morrer? Atentados contra atentados?”.



Eu quero, orgulhosamente, dizer a você, meu querido companheiro Zuma: Deus escreve certo por linhas tortas. Tem um velho brasileiro chamado João Havelange, que já está com 92 anos de idade, nada 1.500 metros todos os dias, e esse homem, ainda quando presidente da Fifa, ele queria trazer a Copa do Mundo para o continente africano. Precisou acontecer a Copa do Mundo aqui para as pessoas saberem que os africanos são tão civilizados ou mais civilizados do que aqueles que pensam que, porque são um pouco mais ricos, têm mais educação e sabem tratar os outros melhor do que os pobres do mundo – ou do que os negros.

A África... a Copa do Mundo aqui, Zuma, eu que sou fanático por futebol e que assisto na televisão, eu posso dizer para vocês: se eu não estiver enganado, a África será medida logo, logo, “antes da Copa” e “depois da Copa”, porque o povo aprendeu a conhecer a verdadeira África do Sul por conta da Copa do Mundo.

Eu quero te dar os parabéns, quero dar parabéns ao povo da África do Sul, a mulheres e homens, a empresários, aos pobres que a gente via andando nas ruas tentando entrar no estádio de futebol, a todos vocês, porque eu acho que vocês conseguiram dignificar a África em três meses mais do que alguns tentaram fazer em dezenas de anos.

A mesma dúvida que tem sobre a África agora começa com o Brasil. Hoje já me perguntaram: “Será que vai fazer os aeroportos? Será que vai ter corredor de ônibus? Será que vai acabar os estádios?”. Ora, o Brasil, nos próximos seis ou oito anos, se continuar crescendo do jeito que está, o Brasil será a quinta economia do mundo. Se um país de 190 milhões de habitantes, com o PIB que tem o Brasil, com a perspectiva de crescimento – só até 2014, nós temos US\$ 624 bilhões em investimentos, em gasodutos, em portos, em aeroportos, navios, plataformas, sondas, trem-bala, ligando São Paulo ao Rio de Janeiro, vai lembrando... Estamos fazendo investimento em saneamento básico que nunca foi feito em nosso país. Se esse país não tiver condições de



preparar uma Copa do Mundo, eu teria que ir embora a nado da África do Sul até o Brasil. E eu vou... Eu vou... Não, é porque tem uma parte das pessoas, tanto aqui na África quanto em qualquer país, que o cara não acredita em nada, pra ele, tudo vai dar errado: “Ah, o Brasil...”.

Você não sabe, ô Zuma, eu levantei de manhã, coloquei minha gravata. Essa gravata aqui é só para viajar para o estrangeiro e quando eu recebo dirigente estrangeiro, porque essa gravata aqui foi a gravata com que nós conquistamos o direito de fazer as Olimpíadas no Brasil. Aí, quando eu fui fazer as Olimpíadas, fui para Copenhague, eu levantei de manhã, liguei a televisão e fiquei vendo uma pessoa dizendo na televisão, eu até comentei com o Orlando, ele já estava em Copenhague: “Mas por que o Brasil quer fazer Olimpíadas? O Brasil quer disputar com o Obama? O Brasil quer disputar com o Japão? O Brasil quer disputar com Madri? O Brasil não se enxerga? O Brasil precisa fazer investimento em educação, em segurança”. Eu saí de casa com raiva. Eu falei: como é que pode um brasileiro ser tão descrente do seu Brasil? Na verdade, ele não é descrente do Brasil, ele é descrente dele, ele não acredita é nele, e tenta transferir essa descrença para os outros.

Quando nós chegamos lá, que o meu amigo Zapatero, presidente da Espanha, chegou com o nosso amigo, o rei Juan Carlos de Bourbon, eu falei: “Vai ser difícil, vai ser difícil ganhar de um rei”. Estava só a mulher do Obama, o Obama não estava. Quando são nove horas da manhã, nove horas da manhã, eu estou tomando banho, me preparando, ligo a televisão, eis que está chegando o homem, estava chegando o Obama. Aí, chega o avião do Obama, chega o Primeiro-Ministro do Japão, eu falei: puxa vida, é muita melancia para o meu caminhão. Ganhar dos três juntos vai ser difícil.

Mas olha, eu vou lhe contar uma coisa: foi o momento, foi o momento... eu já vivi muitas alegrias, já vivi muitas alegrias, já vivi muita tristeza. Eu torço para um time no Brasil, chamado Corinthians, que ficou 23 anos sem ser campeão, eu sofri muito. Eu perdi, Zuma, três eleições, eu perdi três eleições.



Cada uma que eu perdia, eu chegava em casa, minha mulher falava: “Ô Lula, você não acha que está na hora de parar, meu filho, não acha?”. E eu notava que os meus amigos também gostariam que eu parasse, viu, Zuma? Eu ficava achando que os meus companheiros também queriam que eu parasse. Mas eu perdia as eleições no mês de outubro, ficava lambendo as feridas entre novembro e dezembro, e quando chegava janeiro, eu tinha que começar a viajar o Brasil outra vez para levantar a moral da tropa, porque se a gente não levantar a moral o pessoal desanima. Então, eu não acredito, Zuma, em hipótese alguma, em derrota antecipada, e eu que pensei que tinha vivido emoções de ganhar duas eleições, nada para mim foi mais emocionante do que o dia em que aquele suíço pegou o envelope e ficou 30 segundos com aquele envelope na mão, e eu esperando ele dizer. Não, porque o Obama falou, foi embora. O japonês falou e também não ficou lá, ficou eu, o Rei e o Zapatero. Olha, Zuma, você não tem noção do que foi a emoção no dia em que aquele suíço falou o nome “Brasil”, você não sabe a alegria. E começa no Brasil: “Será que o Brasil tem condições de fazer Olimpíadas? Será que nós vamos ganhar medalhas?” Ora, se o Brasil não ganhar, ganha a África do Sul; se o Brasil não ganhar, ganha Gana; ganha o Japão; mas nós queremos fazer a melhor Copa do Mundo – depois da África do Sul – e as melhores Olimpíadas que já foram feitas no mundo. E aí é que eu queria chamar a atenção dos empresários da África do Sul: oportunidades de investimentos, tanto para as Olimpíadas quanto para a Copa do Mundo, mas, sobretudo, oportunidade na indústria naval.

Não sei se você sabe, Zuma, quando eu disputei as eleições, em 2002, dizia-se no Brasil que a gente não tinha condições de produzir sonda, que não tinha condições de produzir plataforma e que não tinha condições de produzir petroleiros. Eu disse que nós tínhamos. Ganhei as eleições e, hoje, a indústria naval, que tinha 1.600 trabalhadores no Brasil, já tem hoje 52 mil trabalhadores no Brasil, e nós estamos fazendo sondas, estamos fazendo navios e estamos



fazendo plataformas. É essa parceria que nós estamos convidando os empresários da África do Sul para participarem, para conhecerem o que significa o biocombustível no Brasil, conhecerem o que significa a indústria petroleira no Brasil, conhecerem o que significa a produção da agricultura familiar e a nossa política de crédito.

Olha, eu vou dar um dado para vocês para terminar, porque eu estou falando demais. Daqui a pouco, quem queria investir já gastou o dinheiro dele aqui comendo alguma coisa para passar o tempo. Eu queria dizer uma coisa para vocês: em março de 2003, eu tinha dois meses na Presidência da República, o Brasil inteiro só tinha R\$ 380 bilhões de crédito – R\$ 380 bilhões era o equivalente, naquela época, a US\$ 200 bilhões –, de crédito.

Eu, que a vida inteira me dizia socialista, eu me perguntava como é que os empresários brasileiros capitalistas dizem que este país é um país de regime capitalista, sem financiamento e sem crédito, que são duas coisas necessárias para funcionar o capitalismo. Pois bem, hoje o Brasil, que tinha R\$ 380 bilhões de crédito, tem R\$ 1 trilhão e meio de crédito. A Caixa, o nosso banco que financiava a habitação, que tinha 5 bilhões para financiar, no ano passado financiou 47 e este ano vai financiar 55. O BNDES, que é o banco de desenvolvimento e financiamento de indústria, que tinha 38 bilhões, no ano passado emprestou 139 e este ano quer chegar a 170 bilhões de investimentos.

É por isso que eu sou confiante na economia brasileira, e é por isso que eu sou confiante em convidar os empresários da África do Sul a conhecerem melhor o Brasil e o Brasil a conhecer melhor a África do Sul. Nós estamos, agora, com o Ministro do Turismo ali. Ele, depois da Copa do Mundo, ele tem obrigação de me ajudar nessa briga do transporte para trazer mais turista brasileiro para a África do Sul, para trazer mais turistas brasileiros para outros países africanos. Porque o continente africano vai crescer muito, e se o mundo desenvolvido for esperto, ele sabe que vai precisar de consumidor, e se quiser



consumidor nós vamos ter que melhorar a vida do povo mais pobre, para eles poderem consumir.

E, aqui, eu vou dar o último dado para vocês: de toda a política de transferência de renda que nós fizemos no Brasil, quando veio a crise econômica, a minha maior alegria é que as classes D e E, do Norte e do Nordeste brasileiro consumiram mais do que a classe A do Centro-Sul do país. E, mais importante: nós elevamos 31 milhões de brasileiros para a classe C e tiramos 21 milhões de brasileiros de [que estavam] abaixo da linha da pobreza, numa demonstração, Zuma, de que a coisa mais barata do mundo é a gente cuidar do pobre. A coisa mais barata do mundo é a gente cuidar do pobre. Dê R\$ 10,00, dê US\$ 10 para um pobre, que ele vira um consumidor no dia seguinte. Ele não vai comprar dólar, não vai comprar carro e não vai... não vai aplicar em derivativos. Ele vai comprar feijão, ele vai comprar arroz, ele vai comprar milho, ele vai comprar batata, ele vai comprar café, ele vai comprar leite. Esse dinheiro volta para o mercado rapidamente, gerando economia. Dê 1 bilhão, dê 1 bilhão para o rico, que vai para uma conta bancária para ele ganhar às custas dos interesses.

Muito obrigado, e até a próxima oportunidade.

(\$211B)